

Uma história em perigo

Francisco José Alves

O surgimento das nações européias no século 19 efetuou-se com o concurso da História. A identidade dos países precisou do trabalho do historiador reconstruindo o passado peculiar de cada País. Um passado comum é, sem dúvida, um fator primordial na construção da identidade de um povo.

Foi com este objetivo que, ao longo dos séculos 18 e 19, surgiu na Europa a instituição do arquivo nacional que recolhia as fontes importantes para a feitura da história das nações. O caso do Brasil é exemplar neste sentido. Após a independência política o imperador Pedro I cria o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Esta instituição tinha como função precípua a recolha e guarda de fontes para elaboração da história pátria. Entendiam os ideólogos do Império que uma nação independente carecia de uma história como fator afirmativo da identidade nacional. Cientes de que a História se faz com documentos, entendiam a urgência da recolha e conservação das fontes históricas.

Tal concepção espalhou-se pelas províncias e Estados. Os governos locais sentiram a precisão de reunir a documentação resultante dos atos administrativos, condição indispensável para feitura da História. O fato é que a história se faz com o concurso das fontes. Estas são a condição *sine qua non* do trabalho do historiador. Ele, ao contrário do vidente, precisa, para conhecer o passado, examinar os vestígios deixados pelos homens de outrora. Nunca é demais repetir sem fontes, a História é impossível.

É com esta preocupação que há anos Graccho Cardoso, governador de Sergipe cria o Arquivo público do Estado de Sergipe. O Arquivo Público tem vivido, ao longo de sua trajetória, momentos de glória e fases de penúria. Tem predominado, todavia a desatenção dos Governos a este órgão vital da cultura sergipana. Aqui os fatos desmentem, com eloquência, o *flatus vocis* do discurso.

É como produto desta incúria que o prédio que aloja a instituição chegou a um estágio de grave deterioração nos últimos anos. Visando a uma imprescindível reforma do edifício, o acervo foi translado para um depósito de questionável segurança. Aqui reside o foco do problema: desde o mês de abril a anunciada reforma não começou. Enquanto isto a memória sergipana corre perigo. Vivemos o risco de tomarmos-nos um estado doente de amnésia histórica.

Francisco José Alves é do Departamento de História da UFS.